

---

---

**A CONTRIBUIÇÃO**

---

**DA MÚSICA FOLCLÓRICA**

---

**NO DESENVOLVIMENTO**

---

**DA CRIANÇA**

---

---

---

Cleudet de Assis Scherer<sup>1</sup>

*Resumo: este texto objetiva discutir as relações existentes entre o desenvolvimento psíquico e a música folclórica no contexto da Educação Infantil. Parte-se do pressuposto de que a música constitui uma importante forma de comunicação e expressão humana e carrega em si traços de história, cultura e identidade social que são por ela transmitidos e desenvolvidos. O estudo bibliográfico baseia-se no referencial de autores da perspectiva histórico-cultural, em especial, Vygotski (1896-1934), Leontiev (1903-1979) e Luria (1902-1977), segundo os quais o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação social, do coletivo e da mediação no processo de apropriação do conhecimento elaborado historicamente pela humanidade.*

*Palavras-chave: música folclórica, abordagem histórico-cultural, educação infantil*

## A MÚSICA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO HUMANA

A música se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos. Schaeffner (1958) explica que mesmo antes da descoberta do fogo, o homem primitivo se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, sendo, portanto, o desenvolvimento da música, resultado de longas e incontáveis vivências individuais e sociais.

Da mesma maneira, ao nascer, a criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca: sons produzidos pelos seres vivos e pelos objetos. Essa sua relação com a música pode ocorrer, por exemplo, por meio do acalanto da mãe ou aparelhos sonoros, sons da natureza e outros sons produzidos no seu cotidiano.

Nesse sentido, a música dialoga com a constituição interna do ser humano. A criança estabelece suas primeiras relações com o mundo sociocultural por meio dos sentidos sensoriais e de laços afetivos. Segundo a educadora musical brasileira Ilari (2003), o primeiro contato do ser humano com a música acontece mesmo antes de nascer, na sua vida intra-uterina. Ao ouvir o batimento cardíaco da mãe mais compassado e mais lento que o seu, como feto toma contato com um dos elementos fundamentais da música – o ritmo.

Wisnik (1989), em seu livro *O som e o sentido*, coloca que a música em seus fundamentos, se constitui de sons organizados, desorganizados e silêncios.

Os sons que se ouvem, quaisquer que sejam não passam de ritmos. Uma melodia, que nos possibilita escutar uma nota ou um “tum” do coração, consolida-se pela aceleração de mínimas batidas que compõem o som estável, suficiente para que o ouvido humano escute. Já o silêncio, imprescindível para a composição da música, é aquele que não conseguimos ouvir, mas que caminha também pelo ar como matéria, e que necessariamente selecionamos e relativizamos.

Além do som organizado – aquele que ouvimos em um instrumento ou de um pássaro cantando – existem sons desorganizados, os chamados ruídos, que nos rodeiam incessantemente (como o som de um trovão) e aqueles que inserimos na música (como os instrumentos de percussão). A música, portanto, é a junção de sons, ruídos, silêncios, ritmos e melodias. Enfim, iniciamos o nosso contato musical desde quando crescemos no útero materno e por toda a nossa vida.

Por conseguinte, cada criança traz práticas sociais e tradições culturais musicais, historicamente produzidas no seu contexto histórico, e ainda bebê já percebe as variações rítmicas e muda seus comportamentos, como por exemplo, ao ouvir uma canção de ninar conhecida. O canto é a estruturação musical da palavra, portanto, organização temporal de ritmos, frequências e timbres que demonstram a profunda tessitura da palavra (SANTOS, 2004).

Nesse sentido, a música folclórica pode ser usada na Educação Infantil como instrumento de valor próprio e significativo, visto que, as canções tradicionais de um povo tratam de quase todos os tipos de atividades humanas. Muitas dessas canções expressam crenças religiosas ou políticas, ou descrevem a sua história, que são passadas de geração em geração por meio da oralidade.

## EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Coadunam-se com essas reflexões as teorizações de Leontiev (1978), psicólogo russo, quando no texto *O Homem e a Cultura* ressalta a importância do conhecimento culturalmente construído pelas gerações antecedentes. Segundo este autor,

*Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo (LEONTIEV, 1978, p.265-6).*

Leontiev afirma a necessidade do processo da objetivação e apropriação pelas gerações futuras como condição para que ocorra seu desenvolvimento e humanização. Esses conceitos são explicados por ele baseados na obra de Karl Marx, o primeiro que forneceu uma análise teórica da natureza social do homem e do seu desenvolvimento sócio-histórico.

A objetivação consiste na realização material do homem das suas faculdades físicas, mentais ou espirituais, ou seja, na produção e reprodução de objetos materiais e não materiais que refletem a ação do homem no seu meio sócio-cultural. A apropriação corresponde ao complemento desse processo, significando a incorporação pelos indivíduos dos objetos materiais e não materiais produzidos pela humanidade. Portanto, ao se apropriar do objeto o sujeito se apropria do pensamento que o objetivou.

De acordo com Leontiev (1978), cada indivíduo aprende a ser homem; ninguém nasce personalidade; para viver em sociedade não basta o que a natureza lhe dá ao nascer. Tem que se apropriar do que foi produzido pela humanidade no decurso do seu desenvolvimento histórico.

A apropriação enfocada por ele pressupõe três particularidades essenciais: é sempre um processo ativo, realizado pelo homem para se apropriar e desenvolver novos traços essenciais da atividade acumulada pelo objeto; é sempre um processo mediador entre a formação histórica do gênero humano e a formação singular de cada indivíduo; é sempre um processo mediatizado pelas relações entre seres humanos, numa constante transmissão cultural de geração para geração, dos valores, conceitos, aptidões e demais atividades ao longo da história. Dessa forma, Leon-

tiev (1978, p. 273) chega à conclusão de que “o movimento da história só é possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação”. O autor deixa claro que, quanto mais a humanidade progride, mais imprescindível se torna a educação para o seu desenvolvimento, vinculando o progresso histórico de uma sociedade ao progresso do seu sistema de ensino. Mas, o que vem a ser educação nessa concepção? Leontiev se ocupa ainda de explicar que,

*O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas (LEONTIEV, p.282-3).*

A educação como se pode perceber tem como principal objetivo possibilitar a apropriação das criações humanas. É também, uma atividade social e histórica que se realiza nos múltiplos espaços da sociedade. No entanto, Leontiev (1978) complementa que não é qualquer tipo de educação que preconiza esses objetivos, e sim o ensino sistematizado, por possuir um nível de elaboração mais complexo do que aprendizagens espontâneas e não dirigidas.

Neste sentido, Vygotsky (2001, p. 77) pontua que “a educação só pode ser definida como ação planejada, racional, premeditada e consciente e como intervenção nos processos de crescimento natural do organismo”. Portanto, na perspectiva enfocada pelo autor, para ter validade, deve ser implementado um modelo educacional que vise à apropriação da cultura material e intelectual, com vistas à superação das formas primitivas de pensamento e desenvolvimento da consciência, bem como com ênfase na formação dos processos psicológicos superiores.

Nessa perspectiva de educação, é importante não perder de vista que, o que determina o desenvolvimento da inteligência, do raciocínio, da consciência é a própria vida, ou seja, a atividade que o ser humano desenvolve, seja externa, por meio da interação, ou interna. Dessa forma, quanto mais diversificada for a atividade, mais se abrem possibilidades de desenvolvimento para as referidas funções.

Nesse processo de aprendizagem enfatizado pelos psicólogos russos, será que as crianças aprendem alguma coisa por meio das cantigas

de acalanto, das adivinhas ou das danças folclóricas? Será que a música folclórica possui valor educativo? Poderá contribuir de alguma forma para o desenvolvimento das funções psíquicas?

## A MÚSICA FOLCLÓRICA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO

Florestan Fernandes (2003) coloca em seu texto *Educação e folclore*, que existe diversão atrás das atividades folclóricas, mas, existe também, uma mentalidade que se mantém, que se revigora e orienta o comportamento ou as atitudes do homem, visto que por seu intermédio não só participam de um sistema de ideias, sentimentos e valores, mas, pensam e agem em função dele, quando as circunstâncias exigem. Para esse autor,

*se as crianças continuam a 'brincar de roda', esse folguedo preserva para elas toda significação e a importância psicossocial que teve para as crianças do passado. Não se trata de uma 'sobrevivência', literalmente falando, mas de continuidade sócio cultural (FERNANDES, 2003, p. 66).*

Dessa forma, a perpetuação não representa mero fenômeno de inércia cultural, porque o contexto histórico-social mudou, é verdade, mas preservam-se condições que asseguram vitalidade e influência dinâmica aos elementos folclóricos. É importante ressaltar ainda, que a música folclórica possui normalmente um caráter nacional distinto, reflete não só o temperamento de um povo, mas também as suas condições sociais, a presença de imigrantes e outras influências históricas, que poderão ser transmitidas e apropriadas pelo saber sistematizado, com vistas ao desenvolvimento psicossocial dos sujeitos.

De acordo com a abordagem Histórico-Cultural é necessário um estudo sobre a pré-história do desenvolvimento cultural da conduta humana para compreender esse desenvolvimento. Para tanto, os fatores biológicos e culturais devem ser compreendidos a partir dos planos da filogênese, ontogênese, microgênese e sociogênese. O processo de desenvolvimento e transformação dos indivíduos acontece ao longo de toda a vida, e é resultado da interação entre os quatro planos genéticos.

Conforme afirma Vygotsky (2000), a filogênese refere-se à história da espécie humana, ou seja, são capacidades biológicas próprias

do psiquismo humano. A ontogênese é o desenvolvimento natural e biológico do ser humano, ou dito de outra forma, o indivíduo nasce, cresce, reproduz e morre, e é durante esse processo que se apropria de conhecimentos produzidos pela humanidade. A sociogênese diz respeito às interações sociais que interferem no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, e a microgênese refere-se às situações vivenciadas particularmente, ou seja, o que nos diferencia como seres humanos.

Segundo os autores marxistas, a apropriação da cultura humana, dá origem às formas especiais de conduta, modificam a atividade das funções mentais superiores e cria novos níveis de desenvolvimento humano. Por funções naturais, entendem-se aquelas que compõem o equipamento biológico como: reflexos inatos, reações automáticas, associações simples e memória mediata. As funções psíquicas superiores podem ser entendidas como aquelas de origem social que só passam a existir no indivíduo na relação mediada com o mundo externo.

Ainda, sobre essa questão, Luria (1991) enfatiza que o homem é um ser social por excelência, assim, ele se faz por meio do trabalho coletivo, que é trabalho por ser um processo mediatizado simultaneamente pelos instrumentos simbólicos e instrumentos físicos. E graças à mediação social, mais precisamente a apreensão e reconstrução psíquica desses instrumentos, que as capacidades se modificam nas gerações que se sucedem.

Outra condição para a formação da atividade consciente do homem é o surgimento da linguagem. Nessa perspectiva, esse sistema de códigos e significados é “o veículo mais importante do pensamento, que assegura a transição do sensorial ao racional na representação do mundo” (LURIA, 1991, p. 81).

A linguagem guarda em si, e, portanto, permite comunicar aos outros, o conhecimento, os valores, os sentimentos, e o modo de ser e de pensar dos homens de diferentes culturas e épocas distintas. Razão pela qual ela faz a mediação entre o individual e o social, num processo em que ambos se modificam. A palavra neste sentido, guarda a experiência de gerações formuladas no decurso da história social – mais que um meio de comunicação – ela forma, organiza e comunica o pensamento. Para enfatizar a grande importância da linguagem no desenvolvimento da criança, Luria e Yodovich (1985, p.11) escrevem:

*A linguagem que encerra a experiência de gerações, ou da humanidade, falando em sentido mais amplo, intervém no processo de*

*desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida. Ao nomear os objetos e definir, assim, as suas associações e relações, o adulto cria novas formas de reflexão da realidade na criança, incomparavelmente mais profundas do que as que ela poderia formar através da experiência individual.*

A compreensão da fala do adulto e sua posterior reprodução dão a criança à possibilidade de adquirir conceitos, testar o ambiente, trocar experiências, enfim, aprender de uma maneira infinitivamente maior do que antes desse fato. A linguagem une os indivíduos de uma mesma espécie. Faz com que pensamentos e emoções de um possam habitar o outro. Um se reconhece no outro, se identifica, se constrói e se individualiza nessa convivência. Isso porque, a linguagem acarreta mudanças substanciais no indivíduo. Pode-se dizer que ela é a principal e, portanto, a mais poderosa ferramenta com a qual se darão as trocas entre o meio social e o indivíduo. A linguagem tem sido, ao longo da história da civilização, a melhor via de decodificação do mundo, portanto, antes de comunicar idéias e sentimentos ela forma e organiza o pensamento.

No início, a fala organiza a ação, depois quando a linguagem estiver internalizada, ela organiza o plano de ação, o pensamento. Quando a criança fala uma palavra, como por exemplo, mesa, ela apropria-se do seu significado por intermédio do símbolo, mas em sua mente tem a imagem do objeto e não da palavra, sendo possível designar os objetos e as relações com os objetos. Segundo Luria (1991, p. 80), “a linguagem duplica o mundo perceptível, permite conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores”. Desse modo, a palavra possibilita a reprodução mental, do campo físico, externo, e a criança passa a planejar as suas ações, antecipando-as.

O autor complementa a idéia, explicando que “a importância da linguagem para a formação da consciência consiste em que ela efetivamente penetra todos os campos da atividade consciente do homem, eleva a um novo nível o desenvolvimento dos processos psíquicos” (LURIA, 1991, p.81-2), tornando-se um ser único, não só um produto de seu meio, mas agente ativo desse meio. Nesse sentido, a linguagem possibilita o desenvolvimento das funções psíquicas de maneira global, como a memória, a atenção, a percepção e a imaginação que são constituídas e reconstituídas graças à linguagem.

Vygotsky (1991) esclarece que cada função psíquica aparece duas vezes: primeiro no nível social, como intersíquicas; e mais tarde

internalizadas, como intrapsíquicas. No início ocorre entre as pessoas, portanto, antes de ser individual é social, uma função coletiva, como forma de colaboração e interação com o meio social, existindo assim primazia do princípio social sobre o princípio biológico. Depois, ao longo do seu desenvolvimento, o sujeito vai apropriando-se das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, num processo de transformação e de síntese.

Vygotsky (1991) afirma ainda que a formação das funções psíquicas superiores caracteriza-se pela mediação por intermédio dos signos; originam-se no coletivo em forma de relações entre os homens. Portanto, essas funções não tem suporte biológico, são produtos da atividade cerebral, seu funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais estabelecidas entre criança/criança, criança/adulto e criança/instrumentos físicos.

A criança não aprende simplesmente em contato com os objetos, mas por meio da ação compartilhada com os outros seres humanos em torno dos mediadores culturais. Vygotsky (1991) assegura ainda que, a linguagem atua internamente e os instrumentos externamente, embora ambos interfiram na relação que o ser humano estabelece entre si e o meio em que vive. Para esse autor, instrumentos são objetos físicos que se interpõe entre o sujeito e a realidade, e signos são símbolos dotados de significados que vão potencializar o pensamento, mas ambos cumprem a função mediadora, essencial para o desenvolvimento psíquico.

Diante da importância da mediação em todos os âmbitos, deve-se pensar e refletir sobre a função da escola, e, conseqüentemente, do professor na educação das crianças pequenas, no sentido de propiciar o desenvolvimento das funções mentais superiores. Para tanto, exige-se desse profissional o domínio do conhecimento acumulado, sobre a especificidade do aprender nas diferentes idades, e, sobretudo, a importância da educação das crianças desde os primeiros anos de vida.

Segundo Mello (2002), nas escolas de Educação Infantil, cada dia brinca-se menos – educadores apoiados pelos pais – procuram antecipar a escolarização, com apostilas, cartilhas, tarefas e materiais mimeografados, com vistas à antecipação artificial do desenvolvimento. No entanto, de acordo com a abordagem Histórico-Cultural, do estudo em questão, sabe-se que se garantirmos uma educação organizada com mediações enriquecedoras e significativas, a criança desenvolve, mesmo pequena, capacidades intelectuais, práticas e artísticas.



Para Vygotsky (1998), quando se fala em ensino, não se trata de qualquer ensino, mas aquele que se adianta ao desenvolvimento, afirma também, que só a sua correta organização aciona os processos internos e, por consequência, conduz ao desenvolvimento. Na Educação Infantil, o papel do educador não é vigiar, cuidar, controlar, fazer pela criança, mas propor situações de ensino em que a criança tenha condições de agir, de brincar e estabelecer relações sociais e culturais. Esse nível de educação não deve ser entendido como uma pré-educação, mas como educação em si, com seus objetivos, conteúdos e métodos próprios, de forma que a criança possa apropriar-se da herança cultural deixada pela humanidade.

Desse modo, acreditamos que a música folclórica pode ser utilizada para contribuir nessa apropriação, no sentido de que pelo jogo e pela recreação, a criança ensaia para a vida adulta. Segundo Fernandes (2003), em primeiro lugar no âmbito da interação: a atualização de um brinquedo de roda exige todo um suporte estrutural, fornecido pelas ações e atividades das crianças. Há tarefas pré-estabelecidas a executar, e para realizá-las, segundo os modelos consagrados, é preciso organizar coletivamente o seu comportamento. Em segundo lugar, no âmbito da apropriação: os brinquedos envolvem composições tradicionais e gestos convencionais, que conservam algo mais que “fórmulas mortas”, mantêm representações da vida do homem, dos sentimentos e dos valores, e colocam as crianças em contato com um mundo simbólico que se perpetua por meio dessa atividade.

Enfim, pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida. De um lado, aprende a agir como um “ser social”: ao cooperar e a competir com seus iguais, a se submeter e a valorizar as regras sociais existentes na herança cultural; e, de outro, apropria-se de técnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente. Como define Leontiev (1988), em cada etapa da vida uma atividade se destaca como papel principal. E respondendo à questão: o que é, em geral, a atividade principal, o autor responde:

*Designamos por esta expressão não apenas a atividade frequentemente encontrada em dado nível do desenvolvimento da criança. O brinquedo, por exemplo, não ocupa, de modo algum, a maior parte do tempo de uma criança. A criança pré-escolar não brinca mais do que três ou quatro horas por dia. Assim, a questão não é a quantidade de tempo que o processo ocupa. Chamamos de atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais*

*importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança dentro do qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento* (LEONTIEV, 1998, p. 122).

Na infância, segundo o autor, a atividade que motiva as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da criança, é o brincar: quando a criança brinca, entra em contato com o mundo de forma variada e aprende sobre os objetos, suas propriedades, suas características (cor, tamanho, forma, textura, posição...) interpreta o mundo das relações humanas que ela vivencia, e desenvolve suas formas de pensar, uma vez que procura compreender o mundo que a rodeia ao qual ela procura dar sentido.

A importância da brincadeira, em especial da musicalização, na Educação Infantil encontra relevância por ser o nível, que segundo Leontiev (1988), tem no brincar e no caráter lúdico das atividades, a sua maior forma de desenvolvimento dos processos psíquicos, portanto, é sua atividade principal.

Hoje, nas instituições infantis, as cantigas e brincadeiras de roda estão cada vez mais distantes das praticas realizadas. Longe do círculo, das lendas e das cantigas de roda, as crianças deixam de oportunizar uma grande contribuição para seu desenvolvimento social, cultural, e emocional. Também, perdem a oportunidade de exercitar sua desenvoltura, de compartilhar alegria, afeto e aprovação dos amigos, enfim, exercitar a sua capacidade de socialização.

Ao longo do percurso histórico, essas brincadeiras transmitem histórias, lendas, e a cultura de um determinado país ou região, consolidando-se também o vínculo afetivo das gerações, que ao dar as mãos numa brincadeira de roda, cantam e dançam juntas falando a mesma linguagem, apesar da mudança dos tempos.

Segundo o educador musical argentino Willens (1961), a canção agrupa ritmo, melodia e harmonia, tornando-se o melhor meio para desenvolver a audição interior, além de se constituir em um excelente exercício de memória, trabalha também a respiração, buscando coordenar o movimento vocal e respiratório, procurando ritmar, ao mesmo tempo, a respiração de acordo com a canção.

Conforme Mariz (1981), a maior parte das canções nasceram nas ruas, para alimentar jogos e brincadeiras, outros nasceram de histórias infantis, e outras ainda, da própria vida cotidiana. Foram influenciadas

pela formação da nossa raça, como o índio, o português, o africano e ainda com a contribuição de vários países da Europa, transmitindo de geração a geração, e sofrendo modificações rítmicas brasileiras. Como por exemplo, Peixe vivo. Essa canção se relaciona à lenda Amazônica do boto, que ao cair da tarde, sai do rio e toma a forma humana, para beber, dançar, conversar e seduzir as jovens solteiras dos povoados ribeirinhos. Ao final da noite, ele retorna ao rio e a sua forma original. Assim, os filhos de mães solteiras dessas regiões são chamados de “filhos do boto”.

Essas músicas e não “musiquinhas” como são chamadas, podem propiciar uma experiência musical carregada de significado, não como saber automatizado, mas como conhecimento culturalmente construído pelas gerações anteriores, e que, transmitidos e apropriados pelas gerações futuras, permitem o desenvolvimento da linguagem verbal, e por que não da escrita.

Perceber que a combinação de determinadas letras resulta em cada uma das palavras do refrão de uma canção já conhecida é muito mais interessante do que aprender a ler e escrever com palavras isoladas. Possibilita-se dessa forma a criança maior ampliação e compreensão da sua visão de mundo. Entre os autores que se dedicaram ao estudo da música na escola, pode-se citar Snyders, nesse momento, quando diz que “o ensino da música não seria assim, um terreno privilegiado para a reflexão e o progresso pedagógico”? (SNYDERS, 2008, p. 130).

## ALGUMAS PONDERAÇÕES

O propósito das discussões levantadas nesse texto sedimenta-se em minhas inquietações quanto ao desgaste das manifestações da música folclórica infantil, e o esvaziamento do seu conteúdo formal, em função das grandes transformações que perpassam as sociedades globalizadas. Hoje, as crianças, de modo geral, perdem a importância social dessas criações, ora pela influência da mídia, com jogos eletrônicos, informática, internet, bonecas de “grife”, brinquedos movidos a controle remoto, ou seja, produtos do avanço tecnológico, ora pelos educadores com práticas estéreis, pela limitação de suas formações que não lhes permitem realizar práticas educacionais baseadas em dados sócio-históricos. Desse modo, podemos observar nas escolas da infância, que as cantigas folclóricas e brincadeiras de roda são substituídas por produtos produzidos pela indústria cultural<sup>1</sup>, entre elas músicas da Xuxa, Parangalé, Tchan, e canções sertanejas, como únicas propostas

musicais oferecidas. Não se trata de vetar a entrada de músicas trazidas pelas experiências das crianças, mas possibilitar o melhor dentre tudo o que foi produzido e criado pela humanidade, para provocar o diálogo e a reflexão sobre o que é melhor para o desenvolvimento e a aprendizagem dos nossos educandos. Conforme Carvalho (2004), o que parece simples brincadeiras de criança,

*após uma análise mais profunda, considerando-se aspectos sociais, psíquicos e comportamentos de natureza humana, [...], além de refletirem o modo de pensar, agir, existir, sentir, das camadas populares, e as mudanças de costumes e hábitos sócio-culturais, a cada década, a cada século, exercem uma influência marcante na formação da personalidade do adulto, que de criança utilizou-se de tais folguedos (CARVALHO, 2004, p.13).*

Essas brincadeiras e canções tradicionais, como são chamadas, não são individualistas nem seletivas, nem ativam a erotização, mas contribuem para a socialização da criança, estimulam a imaginação e a criatividade. Pelo fato de não terem nada pronto, permitem à criança transformar-se em um instrumento vivo, com sua voz e seu corpo. É importante lembrar ainda, que o brincar é a atividade principal do educando na Educação Infantil, como aprendemos com Leontiev (1978), e que por meio da brincadeira ela entra em contato com o mundo, mais conhece, mais desenvolve o seu pensamento e mais interpreta as relações humanas que vivencia.

Entretanto, nesse processo é imprescindível a mediação do professor ao propiciar um conhecimento que garanta o máximo das produções culturais da humanidade para as crianças, num processo educativo no qual elas possam participar de forma integral. Só assim tornar-se-á a aula de música em “uma ocasião bastante privilegiada de colocar-se em ‘unísono’ com os outros, de escutar uns aos outros, com as habituais ressonâncias de conhecer-se, apreciar-se, aceitar-se” (SNYDERS, 2008, p. 91). Cabe, portanto, ao educador da Educação Infantil, ser sensível às necessidades de se estabelecer esse vínculo interativo entre si e a criança, e também entre as próprias crianças e reavaliar seu papel na formação de um novo sujeito, permitindo se desenvolver na sua zona de desenvolvimento próximo, saindo do real para alcançar o seu potencial como ser humano por meio da linguagem musical. Esse é o fim a atingir.

## Nota

- <sup>1</sup> Indústria cultural, segundo Medaglia (2002, p. 37): “A gente fica bestificado de ver quanta coisa diferente e bela o mundo produz. Só que essa gigantesca diversidade de produção cultural não penetra na indústria cultura. Essa indústria é de mão única e gosta de simplificar alguns modelitos, para produzir depressa, conquistar mercado e descartar logo para fazer outro produto semelhante na mesma velocidade”.

## Referências

- CARVALHO, M. S. de; CARVALHO, M. da G. *Folclore infantil*. Salvador: Secretaria da cultura e Turismo, 2004.
- FERNANDES, F. *O folclore em questão*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neuro desenvolvimento para a educação musical. *Revista Abem*, Porto Alegre, v. 9, p. 7-16, set. 2003.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad. Manoel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.
- LURIA, A. R.; YODOVICH, F. I. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. Trad. José Cláudio de Almeida. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LURIA, A. R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: BEZERRA, P.; LURIA A. R. *Curso de Psicologia Geral*. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. V. I.
- MARIZ, V. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1981.
- MEDAGLIA, J. Entrevista. *Caros amigos*, n. 67, out, p. 32-39, 2002.
- MELLO, S. A. *A educação da criança de 3 a 6 anos*. Marília: Edunesp, 2002.
- SANTOS, M. F. A socialidade do texto em culturas orais. *Revista Ensino Religioso*, São Paulo, n. 35, p. 10-15, ago. 2004.
- SCHAEFFNER, A. *Origene des instrumentes de musique*. Paris: Mouton, 1958.
- SNYDERS, G. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* Trad. Maria José do Amaral Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- VIGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 1991.

WILLENS, E. *Lãs bases psicológicas de la educacion musical*. Buenos Aires, Eudeba, 1961.

WISNIK, J. M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ZAHAR. *Dicionário de música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

*Abstract: this text about the relationships that exist between the physical development and folk music in the context of child education. Assumed that the music is an important form of human expression and communication and loads itself traces of history, culture and social identity that are transmitted by it and developed. The study is based on the accumulated experience of the authors of Historical-Cultural perspective, in particular, Leontiev (1903-1979) and Luria (1902-1977), according to which human development occurs through the social interaction, collective and mediation in the process of ownership of knowledge developed historically by humanity.*

*Key words: folk music. historical-cultural approach. child education.*

---

\* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Internacional de Curitiba (Facinter). Pedagoga pela Faculdade Estadual de Ciência e Letras de Campo Mourão (Fecilcam). Professora do Departamento de Pedagogia da Fecilcam.